Língua forjada na colônia

Shutterstock

Primeiro Dicionário Histórico do Português do Brasil revela hábitos e práticas do país até 1808 e mostra a transformação do idioma ao longo do tempo

Luiz Gustavo Cristino
luizcristino@reitoria.unesp.br

Ese, ao tentar compreender o significado de palavras desconhecidas, encontrássemos também em nossos dicionários suas origens, variações de grafia ao longo do tempo e o primeiro documento oficial da história do Brasil em que aparece cada vocábulo, com definições baseadas exclusivamente nesses registros históricos?

É esse o objetivo do Dicionário Histórico de Português do Brasil (DHPB), projeto desenvolvido na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara. Mais do que revelar o que quer dizer cada palavra do nosso idioma, a ideia é que um pedaço da história da língua portuguesa no país, mais especificamente dos séculos 16, 17 e 18, seja contado em cada verbete da obra.

"O plano inicial era ir até 1799, mas acabamos optando por encerrar em 1808, ano que marcou o fim do período colonial", afirma a linguista Clotilde Azevedo Murakawa, atual coordenadora do projeto. O período, segundo ela, foi crucial para a determinação dos rumos e origens da língua portuguesa no Brasil, que se consolidou e passou a ter vida própria.

"A partir do momento em que a língua foi transplantada para o Brasil, ela começou a se desenvolver de outra forma, assimilando, por exemplo, o vocabulário indígena. Então, esse momento de diferenciação é de extrema importância para a história da língua", complementa a jornalista Mariana Botta, que integra a equipe de dez redatores e revisores do DHPB.

Para fazer o trabalho foram reunidas 32.358 páginas de documentos históricos, posteriormente digitalizados para compor o corpus do dicionário, uma espécie de banco de dados de documentos que dão origem a todas as entradas da obra.

Em dicionários comuns, número de entradas, palavras em negrito ordenadas alfabeticamente, não corresponde necessariamente à quantidade de verbetes. Afinal, uma entrada pode simplesmente fazer referência ao verbete mais comumente utilizado na língua, em vez de reproduzir novamente seu significado. Mas não é o caso do DHPB, que apresenta todas as modificações daquele vocábulo com o tempo como parte de um mesmo verbete. É o caso de "diminuição", que já foi escrita nas formas "demenuição", "deminuição", "deminuisão", "diminuiçam", entre outras. Na obra, porém, a versão atual é mantida como entrada do verbete oficial e as formas antigas são listada como "variantes" dentro de cada verbete.

O primeiro documento, como não poderia deixar de ser, é a carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500. Mas, na pesquisa

contagem s.f.

variantes: comtagem, contage.

1. Ato ou efeito de contar.
"Os feytos que forem à contagem os contará por regras, & se as regras naõ forem vinte & cinco, nem tiverem trinta letras, aſſim na linguagem, como no Latim, farà logo deſconto das que faltareſ [...]." desconhecido (1720) [1704], *indice dos dias feriados, que se guardão nesta relação da Bahia, & auditorio ecclesiastico della, alèm dos que traz a constituição* [A00_2472 p. 173].

2. Posto de fiscalização e arrecadação, especializado na cobrança de tributos incidentes sobre animais e outras mercadorias em trânsito de uma capitania para outra.
"Da mesma sorte o criador de gado q.e tem o escravo p,a o beneficiar, e paga o dizimo delle, e alem deste nas contages paga huma outava por cada cabeça de gado, e por cavallo, a duas outavas por cabeça, e alem destes tributos paga o mesmo q.to como paga o Mineiro por cada escravo." *Caetano Lopes Lavre* (1896) [1741], VI - *Impostos na capitania mineira*[A00_0779 p. 304].

1a. datação [1654]
"Requerendo a[o] dito juis lhe ase[itasse] o [dito] dro. e o dezobrigasse a elle e a seu fiador o que visto pelo dito juis lhe aseitou o [dito] dro. e ouve por [d]ezobrigado a elle e a seu fiador com declaração que se tirou sem Reis [d] este termo e comtagem de que fiz este termo em que asinou com o dito juis e eu An^to^ Roiz de m[att]os [...]". *Gaspar Dias Peres* [1654], *Inventário e testamento de Gaspar. Gaspar*5 p. 64].

feita em bibliotecas de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e Pará, foram coletadas também obras de missionários (como o padre Antônio Vieira), diários de navegação, roteiros descritivos da flora e da fauna brasileira, cartas, atos de câmaras municipais, processos, inventários, testamentos, alvarás, obras sobre medicina e farmácia, produções literárias do barroco e arcadismo no período, entre outras.

O principal atrativo do novo dicionário é que a definição de cada palavra é redigida com base nos contextos em que é encontrada nos documentos pesquisados, deixando de lado a versão atual, consagrada em outros dicionários. Dessa forma, enquanto o Houaiss registra "papagaio" como "ave psitaciforme da família dos psitacídeos, espécie do gênero Amazona", o DHPB descreve: "ave trepadora de bico grosso e recurvado, geralmente de plumagem verde; quando ensinada, imita com facilidade a voz humana, reproduzindo palavras e frases".

Clotilde lembra que na época alvo do estudo não havia as classificações botânicas que existem atualmente. "Daí vem a diferença entre o DHPB e outros dicionários com relação a elementos da flora e da fauna. Nós definimos pelo conhecimento que se tinha até então", explica Clotilde.

E não foi fácil seguir à risca essa filosofia para as definições. "A maior dificuldade foi construir e adaptar uma teoria lexicográfica que desse suporte à elaboração dos verbetes", diz a coordenadora do projeto. "A cada caso que surgia, eu tinha de pensar em como resolver. Há, por exemplo, no banco de dados, a expressão 'capilar de golfo', que aparece num texto do século 18 e que ninguém conseguia decifrar. Chegou-se à conclusão de que era uma espécie de capa usada em uma cerimônia religiosa."

Outra particularidade do projeto é revelar, em cada verbete, o que se chama de primeira datação, ou seja, o primeiro entre os documentos do acervo consultado a utilizar essa palavra. "Isso não significa que é a primeira vez que a palavra foi usada na língua", ressalva a professora. Mas, dentro do corpus, a primeira datação ajuda a contextualizar historicamente o surgimento da palavra. Além disso, cada definição carrega consigo um trecho daquele documento, mostrando uma aplicação de seu significado (*veja quadro à esq.*).

Símbolos e coraçõezinhos

O projeto do DHPB começou em 2005, após aprovação no programa "Institutos do Milênio", do CNPq, que disponibilizou um orçamento de R$ 1 milhão para a elaboração do dicionário. Segundo Clotilde, o encerramento do projeto está previsto para novembro de 2012.

O projeto foi idealizado e iniciado pela linguista Maria Teresa Biderman, então coordenadora do projeto. Após seu falecimento, em 2008, Clotilde, que era a vice-coordenadora, assumiu o trabalho.

Para alcançar o objetivo de 10 mil verbetes no dicionário, o grupo de pesquisa contou com o apoio de outras oito universidades, que buscaram e forneceram os registros históricos utilizados no projeto, sendo uma delas a Universidade de Évora, em Portugal – a única estrangeira da lista.

"Maria Teresa determinou que o projeto deveria ser o mais abrangente possível e por isso buscou parcerias com várias universidades e pesquisadores, que nos ajudaram a conseguir os textos", conta Clotilde, que foi à biblioteca de Évora, em Portugal, onde encontrou parte dos documentos que formaram o corpus. "Optamos por documentos que foram escritos aqui e também por aqueles escritos em Portugal a respeito do que ocorria no Brasil."

Uma vez encontrado e selecionado o material, o processo de digitalização foi iniciado. "Uma dificuldade foi o manuseio. Muitos documentos exigiram o uso de luvas e apenas puderam ser fotografados. O cuidado sempre foi constante com obras mais deterioradas pelo tempo para evitar que elas se partissem", diz Clotilde.

Depois de digitalizadas, as páginas eram tratadas e, com o auxílio de um software, transformadas do formato de imagem para o de texto. "No início, ficamos apavorados, pois o equipamento lia mais desenhos, símbolos e coraçõezinhos do que letras", explica o professor João Moraes, coordenador do Laboratório de Lexicografia do instituto.

Fotos: Renato Torezan / Staepe-FCL

BANCO DE DADOS
No Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras, a equipe digitalizou os documentos e preparou o corpus usado para redigir os verbetes

BUSCA
Clotilde Azevedo coletou documentos redigidos entre 1500 e 1808

"Maria Teresa havia me chamado por eu já ter colaborado com elaboração de corpus, mas minha experiência era com livros branquinhos, impressão perfeita. Com esse material, foi difícil", lembra. Ele explica que precisou estudar e se informar sobre novos softwares que fossem capazes de superar o obstáculo. Ainda assim, é necessário que todo o material passe pelos revisores, que corrigem eventuais disparidades entre a página original e o texto reconhecido digitalmente.

Marcadores do verbete

Após esse processo, ainda é necessária a adição de códigos marcadores, que traduzem para a linguagem de programação a categoria à qual pertence cada parte do verbete (entrada, variantes, trecho de documento, autor, entre outros). Uma vez marcado, o texto está pronto para entrar no banco de dados.

Ao fim da elaboração do corpus, a equipe deparou-se com mais um entrave. "Percebemos que havia maior abundância de textos do século 18 do que dos dois anteriores", explica a coordenadora. Para minimizar esse desequilíbrio, um segundo corpus, complementar, foi montado, com mais documentos dos séculos 16 e 17.

Com o banco de dados finalizado, o trabalho passa à elaboração dos verbetes. Primeiramente, é monitorada a frequência de cada palavra, ou seja, o número de vezes que ela consta no banco de dados. Em seguida, unem-se todas as variantes ("casa" e "caza", por exemplo) em um mesmo grupo, para a construção do verbete. Por fim, uma análise minuciosa de todos os contextos em que o vocábulo é apresentado é necessária para se definirem, exemplificarem e datarem todos os seus possíveis significados, incluindo aqueles que envolvem expressões nas quais esteja incluída a palavra em questão.

"A expressão 'pão de açúcar', por exemplo, não tem nada a ver com pão. Era o nome de uma fôrma usada para armazenar o açúcar, que era vendido em blocos, e tinha a mesma forma do acidente geográfico no Rio de Janeiro", afirma Clotilde.

O conjunto dessas informações é o que compõe um verbete no DHPB. Cada um deles passa então por Moraes, para revisão de formatação, e por Clotilde, para revisão de conteúdo, antes de entrar na lista definitiva. De acordo com a professora, até o fechamento desta reportagem, havia 8.830 verbetes redigidos e 6.503 completamente revisados.

> A partir do momento em que o português foi transplantado para o Brasil, ele passou a se desenvolver de outra forma, incorporando, por exemplo, o vocabulário indígena. Daí vem a importância do período colonial no estudo da história da língua no país

Os dicionários conhecidos da língua portuguesa não costumam ser elaborados com base em um corpus, explica Clotilde. "De modo geral, há um apoio de uma obra anterior. Isso não é cópia ou nada do tipo, é da própria prática lexicográfica", diz.

Para a pesquisadora, a contribuição de um dicionário histórico para a ciência vai além do estudo da língua. "Se alguém quiser fazer um levantamento sobre a comercialização de mercadorias entre a colônia e a metrópole, há uma coleção de cartas do século 18 que documentam essas transações. Além disso, também podemos entender como eram tratadas certas doenças naquela época. São contribuições importantes não só para a lexicologia, como também para áreas como história, geografia, sociologia e até economia", diz.

Devido ao número de informações e possibilidades para busca, o formato planejado para o DHPB é virtual, mas a professora não descarta a possibilidade de preparar uma versão impressa, a depender do orçamento e do apoio de editoras. UC